

Saúde Mental de Minorias Étnico-Raciais: Uma Revisão de Escopo

Josefa Wanilla da Costa Medeiros^{*, 1}

Orcid.org/0000-0003-2549-5399

Renan Pereira Monteiro¹

Orcid.org/0000-0002-5745-3751

Andrezza Mangueira Estanislau^{2, 3}

Orcid.org/0000-0002-5778-7604

Oscar José P. Neto⁴

Orcid.org/0009-0007-5274-1221

¹*Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba,
João Pessoa, PB, Brasil*

²*Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Neurociência Social e Afetiva
(INCT-SANI), São Paulo, SP, Brasil*

³*Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil*

⁴*Curso de Graduação em Psicopedagogia, Universidade Federal da Paraíba,
João Pessoa, PB, Brasil*

Resumo

O estudo visa reunir e mapear a literatura nacional e internacional produzida nos últimos cinco anos sobre os impactos do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais. Foram considerados os estudos publicados nas seguintes plataformas de dados: BVS-Lilacs, PubMed, PsycNet e SciELO. Trinta e dois artigos foram selecionados de acordo com os critérios do objetivo do estudo. Identificou-se que: (a) a literatura brasileira encontrada acerca da temática é escassa; (b) há poucos estudos destacando a população indígena; (c) os efeitos do racismo na saúde mental se apresentaram em diferentes contextos, como: família, escolas, redes sociais, atendimento clínico público e particular, mercado de trabalho e pandemia de Covid-19; (d) a violência direta ou vicária decorrente do racismo impacta na identidade e na subjetividade negra, aumentando o índice de ideação suicida e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, depressão, ansiedade, pânico e problemas de uso de drogas; (e) correlatos de mulheres

* Correspondência: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação – Campus I, Castelo Branco, CEP 58051-900, João Pessoa – PB, Brasil. Tel.: (65) 36158000. E-mail: wanilla.medeiros@gmail.com.

Financiamento e apoio: A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pela bolsa de mestrado da primeira autora (FAPESQ) e pela bolsa de produtividade em pesquisa do segundo autor (CNPq).

negras revelam as microagressões raciais e de gênero, sendo o racismo e sexismo preditores de baixa saúde mental e autoestima; (f) a população predominantemente presente nos estudos são os jovens adultos; (g) a maioria das pesquisas utilizou o método quantitativo. Essas evidências contribuem para intervenções pautadas no fortalecimento e na promoção de saúde de minorias étnico-raciais.

Palavras-chave: Racismo, saúde mental, minorias étnico-raciais, revisão de escopo.

Mental Health of Ethnic-Racial Minorities: A Scoping Review

Abstract

This study aims to gather and map national and international literature produced in the last five years on the impacts of racism on the mental health of ethnic and racial minorities. Studies published in the following databases were considered: BVS-Lilacs, PubMed, PsycNet, and SciELO. Thirty-two articles were selected based on the study's objective criteria. It was identified that: (a) Brazilian literature on the topic is scarce; (b) there are few studies focusing on the Indigenous population; (c) the effects of racism on mental health are present in different contexts, such as: family, schools, social networks, public and private clinical care, the labor market, and the COVID-19 pandemic; (d) direct or vicarious violence resulting from racism impacts Black identity and subjectivity, increasing the rate of suicidal ideation and symptoms of post-traumatic stress disorder, depression, anxiety, panic, and substance use problems; (e) correlates of Black women reveal racial and gender microaggressions, with racism and sexism being predictors of low mental health and self-esteem; (f) the predominant population in the studies is young adults; (g) most studies used quantitative methods. This evidence contributes to interventions focused on strengthening and promoting health.

Keywords: Racism, mental health, ethnic-racial minorities, scoping review.

Salud Mental de Minorías Étnicas y Raciales: Una Revisión Exploratoria

Resumen

Este estudio busca recopilar y mapear la literatura nacional e internacional producida en los últimos cinco años sobre los impactos del racismo en la salud mental de las minorías étnicas y raciales. Se consideraron estudios publicados en las siguientes bases de datos: BVS-Lilacs, PubMed, PsycNet y SciELO. Se seleccionaron treinta y dos artículos con base en los criterios objetivos del estudio. Se identificó que: (a) la literatura brasileña sobre el tema es escasa; (b) existen pocos estudios centrados en la población indígena; (c) los efectos del racismo en la salud mental están presentes en diferentes contextos, como la familia, la escuela, las redes sociales, la atención clínica pública y privada, el mercado laboral y la pandemia de COVID-19; (d) la violencia directa o indirecta resultante del racismo impacta la identidad y subjetividad de las personas negras, aumentando la tasa de ideación suicida y síntomas de trastorno de estrés postraumático, depresión, ansiedad, pánico y problemas de abuso de sustancias; (e) los correlatos de las mujeres negras revelan microagresiones raciales y de género, siendo el racismo y el sexismo predictores de baja salud mental y baja autoestima; (f) La población predominante en los estudios son adultos jóvenes; (g) La mayoría de los estudios utilizaron métodos cuantitativos. Esta evidencia contribuye a las intervenciones centradas en el fortalecimiento y la promoción de la salud.

Palabras clave: Racismo, salud mental, minorías étnico-raciales, revisión exploratoria.

Diante de um cenário social em que a cor da pele é um fator de marcação de estigma e de segregação, que expõe grupos específicos à discriminação (e.g., negros, indígenas ou outras denominações de etnia que fujam da denominação branca), o racismo, enquanto ideologia de caráter sistêmico que se mantém através da estrutura social (Almeida, 2019), pode ser reconhecido como um determinante social das condições de saúde (Cândido et al., 2022). O presente estudo considera os efeitos do racismo, um fenômeno atual que pode acarretar diversos impactos negativos para problemas de saúde mental (e.g., ansiedade e depressão; Pieterse et al., 2012; Wallace et al., 2016). Portanto, discutir as consequências do racismo é essencial para mitigar os seus efeitos e garantir o bem-estar psicológico daqueles que são alvo desse tipo de violência.

Embora esse tema seja central e sua manifestação frequente no dia a dia, a maioria dos estudos sobre o fenômeno se limita a explicá-lo, ou seja, a compreender o nível de preconceito das pessoas e a buscar razões para tais comportamentos discriminatórios (Camino et al., 2001; Lins et al., 2014; W. S. Santos et al., 2006). Entretanto, apesar de ser crucial compreender as raízes do preconceito para combatê-lo, também é essencial focar nas vítimas e entender o impacto do racismo em sua saúde mental, bem como nos recursos psicológicos que elas possuem como protetores para enfrentar e reduzir os efeitos das micro e macroagressões cotidianas (Bynum et al., 2007). Ademais, para melhor contextualizar a temática, serão abordados a seguir os conceitos de minorias sociais e racismo, de acordo com a análise crítica de alguns autores.

Minorias Sociais

A definição de grupo minoritário se refere ao grupo que, ainda que não seja minoria, tratando-se de termos numéricos, se encontra em uma situação desvantajosa e de menor poder político e econômico, estando vulneráveis à intolerância e à discriminação (Groff & Pagel, 2009; Santilli, 2008). Portanto, “a condição de minoria é definida por uma relação política, e não por uma característica inerente ou imutável de um grupo”

(Santilli, 2008, p. 138). As pessoas podem receber o “status” social de minoria pela sua diversidade nacional, religiosa, linguística, de classe, raça, etnia, de gênero em suas diversas expressões e estarem sujeitas à dominação de um grupo majoritário, que se apropria do poder político para impor aos subordinados suas características culturais e ideológicas (Carmo, 2016; Góis & Souza, 2023; Nascimento & Alves, 2020).

No Brasil, os resultados do censo sobre cor ou raça do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) revelaram que maior parte da população brasileira se declarou parda (45,3%). A população negra, composta pelos grupos de pardos e pretos, totalizou 55,5% dos brasileiros. Mesmo sendo maioria em termos quantitativos, percebe-se que os negros fazem parte de um grupo social minoritário. A título de exemplo, pode-se mencionar a sub-representação de minorias raciais e de gênero na Câmara dos Deputados (2022; mulheres ocupam apenas 17,28% das cadeiras, enquanto homens ocupam 82,3%), no Senado (Agência Senado, 2021; 75% dos senadores são brancos) e no Supremo Tribunal Federal (2025), ocupado por 81,8% de homens (90,9% deles sendo brancos). Tais dados refletem desigualdades estruturais no Brasil.

Preconceito Racial, Discriminação Racial e Racismo

Compreendida a definição do status imposto de minorias étnico-raciais, pode-se falar de racismo. Para tanto, convém inicialmente observar a definição de Allport (1954) sobre o preconceito como uma atitude hostil e desfavorável, relacionado a um julgamento errôneo, inalterável e generalizado, direcionado a um grupo ou a um membro deste. De modo similar, Almeida (2019) define preconceito racial como atitudes negativas e pré-julgamentos baseados em estereótipos infundados e generalizados acerca da raça como atributo principal de um conjunto de características negativas de uma pessoa/grupo.

Todavia, Almeida (2019) traz definições que diferenciam as categorias de preconceito racial, discriminação racial e racismo. Para o

autor, o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos que podem resultar em práticas de discriminação; a discriminação, por sua vez, é a ação e o tratamento diferenciado e injusto que traz o uso da força, do poder, como possibilidade efetiva e sem a qual não seria possível trazer vantagens ou desvantagens devido à raça. Pode ocorrer direta (e.g., proibir entrada, recusar prestar atendimento) ou indiretamente (e.g., negligenciando/ignorando situações e diferenças específicas e significativas, neutralizando-as; Almeida, 2019). Já o racismo, ainda na explicação do autor supracitado, é uma ideologia de caráter sistêmico; um processo de distribuição de benefícios para uns e prejuízos para outros com base na raça que se mantém através da estrutura social (isto é, transcendendo a ação individual e passando para a dimensão de poder de um grupo sobre o outro) e se materializando através da discriminação racial. Dessa forma, através de um modo de socialização, o racismo estrutural se mantém enquanto ordem, e se reproduz pelo racismo institucional (governos, empresas e escolas que silenciam conflitos raciais pela falta de implementação de políticas internas antirracistas). Assim, Almeida (2019) demonstra que o racismo é uma relação de dominação que se estrutura política e economicamente. Entendendo que é o racismo (em dimensão estrutural) que sustenta desigualdades sistêmicas, este será o conceito de foco para uma compreensão mais precisa das dinâmicas de discriminação e desigualdade racial.

No Brasil, a discriminação racial se manifesta recorrentemente. A exemplo disso, o IBGE (2019) deixa evidente tais práticas a partir de dados da Pesquisa Nacional de Saúde, os quais constataram que, dentre as vítimas de agressão física, psicológica ou sexual, (identificadas como 18,3% dos residentes no país), pessoas pretas (20,6%) e pardas (19,3%) sofreram mais com a violência do que as pessoas brancas (16,6%). De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), constata-se que 76,9% das vítimas de homicídios violentos intencionais eram pessoas negras. A propósito, segundo as estatísticas do Fórum Brasileiro de Segurança Públi-

ca (2021), pessoas negras representam 78,9% das vítimas mortas por intervenções policiais. O *Guia de Referências ao Enfrentamento da Violência e do Racismo Contra Jovens Negros* (Centro de Formação e Pesquisa AMMA – Psique e Negritude, 2022) também aponta para o medo de ser vítima de violência por parte da Polícia Militar presente em 69,2% entre jovens negros e 53,9% entre jovens brancos.

Os dados apresentados refletem o quão expostas essas pessoas estão a situações estressantes no cotidiano, vivenciando o sofrimento diretamente (agressões explícitas e implícitas – Microagressões – Williams, 2021) ou indiretamente (através de notícias e comunicados – racismo vicário – Holloway & Varner, 2023), sinalizando para o desafio que o Brasil enfrenta de garantir melhores condições de saúde, moradia, trabalho e educação como direitos humanos gerais e sociais. Destarte, fica demonstrado que as evidências listadas denotam que, apesar de muitos argumentarem que o racismo não existe ou diminuiu (o mito da democracia racial – Domingues, 2005), ele perdura, tendo repercussões adversas para a saúde física e mental de quem o sofre.

A saúde mental é um componente fundamental do bem-estar geral, influenciada por uma complexa interação de fatores biológicos, psicológicos e sociais (Silva et al., 2016). A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2004) anuncia a saúde mental como um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades para contribuir com a comunidade; e a exposição a condições sociais, econômicas e geopolíticas precárias (e.g., pobreza, violência, desigualdade) eleva o risco de desenvolvimento de problemas de saúde mental (OMS, 2022).

É pertinente frisar a carência de estudos em âmbito nacional relacionados aos efeitos psicológicos do racismo para a saúde das vítimas e a necessidade de estudos, sobretudo da Psicologia, voltados à investigação de fenômenos e dinâmicas sociais como o racismo sobre a saúde, buscando compreender a associação dessas experiências ao adoecimento físico e mental. Para

isso, enquanto objetivo principal desse estudo, pretende-se identificar os assuntos mais abordados e possíveis lacunas teóricas por meio do mapeamento da literatura científica dos últimos cinco anos.

Método

Utilizando da metodologia do Joanna Briggs Institute (2020) para condução do trabalho, a seguinte questão baseada nos elementos PCC (População, Conceito e Contexto) dos critérios de inclusão foi colocada: “O que há na literatura sobre o efeito do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais na área da psicologia nos últimos cinco anos?”. A População consistiu em minorias étnico-raciais (e.g., pretos, pardos, indígenas), o Conceito se trata do efeito do racismo na saúde mental e o Contexto foi estabelecido como o campo da psicologia e sua literatura produzida nos últimos cinco anos.

Estratégia de Busca

Para o levantamento da produção científica (realizada entre os meses de março e maio do ano de 2024), foram selecionados periódicos indexados nas seguintes bases de dados: BVS-Lilacs, PubMed, PsycNet e SciELO. Tais plataformas foram escolhidas por serem gratuitas, confiáveis e possuírem ferramentas de busca que permitem filtrar publicações dos últimos cinco anos. As pesquisas utilizaram descritores em português e inglês combinando “*Racism*” com termos relacionados à saúde mental, como “*mental health*”, “*anxiety*”, “*depression*”, “*stress*”, “*alcohol and drug use*” e “*post-traumatic stress*”, com o operador booleano “AND”. A fim de minimizar vieses e aumentar a confiabilidade do processo de busca e seleção dos materiais, a revisão foi conduzida por três juízes avaliadores independentes.

Crítérios de Elegibilidade

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: (a) estudos empíricos sem restrições quanto ao desenho ou ao método do estudo; (b) indexados em uma base da psicologia; (c)

publicados em inglês, português ou espanhol. Quanto aos critérios de exclusão: (a) o título, resumo ou texto completo do artigo que não estava relacionado ao tema central (e.g., efeito do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais); (b) artigos publicados na forma de resumo, revisões e artigos editoriais, relatórios, livros, capítulos de livros, teses, dissertações, cartas aos editores; (c) estudos que não foram publicados no campo da psicologia (i.e., quando os autores ou a revista da publicação não eram da área); (d) estudos que não foram publicados entre 2019 e 2024; e (e) quando o texto completo não estiver disponível.

Extração e Síntese dos Dados

Os estudos foram exportados para o website Rayyan (n.d.), uma ferramenta online usada para gerenciar etapas de triagem de revisões de literatura. Uma vez movidas para o Rayyan, as referências duplicadas foram identificadas e removidas. Para garantir uma avaliação imparcial, os avaliadores conduziram uma análise às cegas dos artigos. Na primeira fase, os estudos foram inicialmente selecionados com base nos títulos e resumos, excluindo aqueles que não estavam alinhados com o escopo da revisão. Na segunda fase, os demais estudos foram examinados na íntegra para determinar se atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos para este estudo. Finalmente, os estudos relevantes foram selecionados de acordo com seus objetivos, metodologias e resultados apresentados.

Resultados

A princípio foi encontrado um total de 2.038 estudos, sendo Pubmed ($n = 1.389$), BVS-Lilacs ($n = 472$), PsycNET ($n = 119$) e SciELO ($n = 58$), os quais foram importados para o Rayyan para triagem. Após a remoção das duplicatas ($n = 550$), 2 juízes completaram a triagem de título e resumo de 1.488 artigos para a primeira busca, sendo eliminados 1.205 estudos por não cumprirem os critérios de inclusão (título, resumo ou texto completo do artigo que não estava relacio-

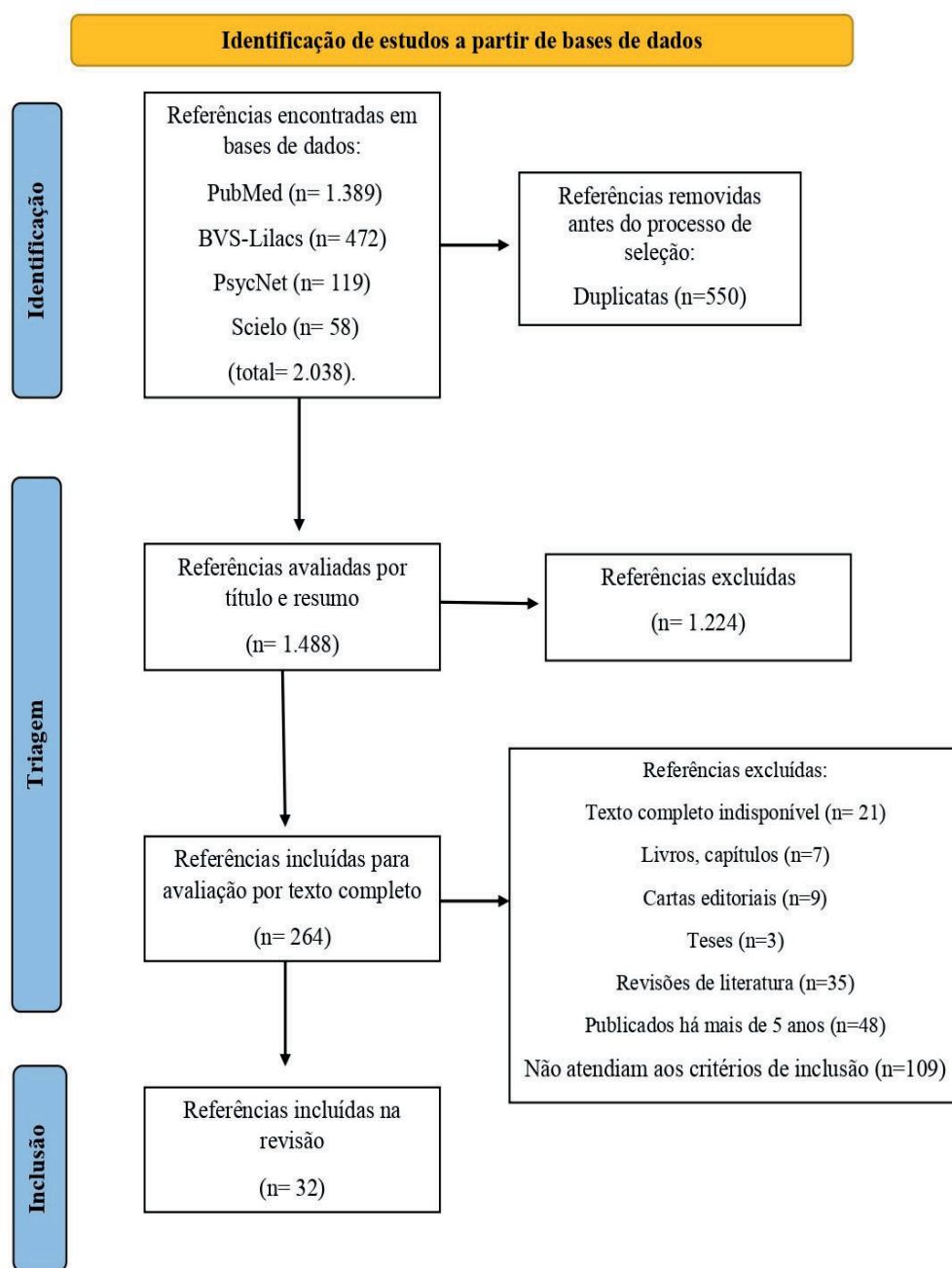
nado ao tema central). Durante a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, um total de 283 estudos foram retidos para extração e, após discussão dos dados extraídos e revisadas as divergências (19) com a participação de um terceiro juiz, 264 estudos foram incluídos pelos três avaliadores na primeira etapa de triagem.

Para a busca atualizada, os 264 artigos foram avaliados pela leitura na íntegra e 232

foram excluídos por motivos diversos: foram publicados entre 2008 e 2018 (48); não incluíam efeitos do racismo nas variáveis de saúde mental (109); eram livros ou capítulos de livros (7), teses (3), revisões de literatura (35); cartas editoriais (9) e quando o texto completo não estava com acesso disponível (21). Assim, 32 materiais permaneceram para compor a amostra final desta revisão. O fluxo de inclusão dos artigos está apresentado no fluxograma da Figura 1.

Figura 1

Fluxo Referente ao Processo de Seleção dos Estudos da Scoping Review



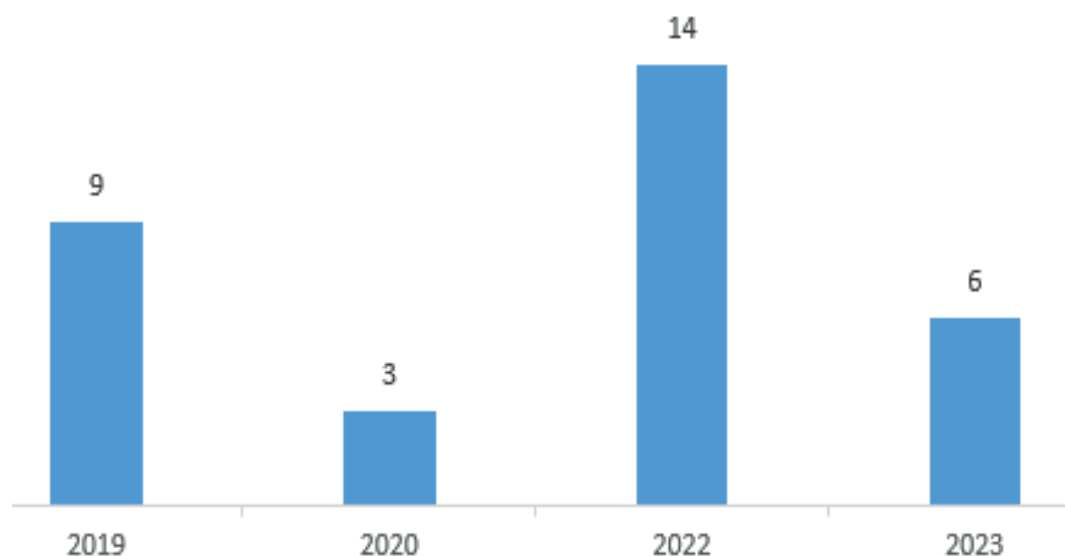
Nota. Adaptado de Tricco et al., 2020.

Os artigos incluídos na revisão foram publicados entre 2019 e 2023, com maior concentração em 2019 (Calzada et al., 2019; Desalu et al., 2019; Gouveia & Zanello, 2019; Loyd et al., 2019; Polanco-Roman et al., 2019; Sibrava et al., 2019; Skewes & Blume, 2019; Tynes et al., 2019; Zapolski et al., 2019) e, sobretudo, em 2022 (Buckner et al., 2022; Del Río-González et al., 2022; Galán et al., 2022; Keum & Choi, 2022; Knighton et al., 2022; Kyriopoulos et al., 2022; Mekawi et al., 2022; Moody et al., 2022; Quist et al., 2022; Salami et al., 2022; V. C. Santos & Dias, 2022; Shi et al., 2022; Tao & Fisher, 2022; Zhou et al., 2022), ano em que se observou o maior número de publicações selecionadas. Em contraste, 2020 apresentou poucos estudos elegíveis e, em 2021, nenhum artigo atendeu aos

critérios desta revisão. Esse intervalo coincide com o período da pandemia de Covid-19, quando a suspensão de coletas presenciais, as restrições para pesquisas envolvendo contato direto com participantes e o redirecionamento editorial para estudos sobre a própria pandemia podem ter limitado o desenvolvimento e a disseminação de investigações em diversas áreas. Além disso, considerando que a Psicologia é um campo majoritariamente composto por mulheres – grupo cuja produtividade acadêmica foi particularmente afetada durante esse período (Myers et al., 2020) – é possível que esses fatores tenham contribuído para que menos estudos desse intervalo de tempo atendessem aos critérios desta revisão. Pode-se observar a quantidade de artigos publicados por ano na Figura 2.

Figura 2

Quantidade de Artigos Publicados por Ano



A maioria dos estudos encontrados apontaram dados dos Estados Unidos da América (24), em seguida, Brasil (7) e Canadá (2). O grupo étnico-racial predominante nas amostras investigadas dos estudos nos três países foi o grupo de pessoas negras (pretos e pardos). Além disso, a metodologia prevalente foi a quantitativa (25 estudos), em seguida, a qualitativa (6 estudos) e a mista (1). Para uma melhor apresentação dos resultados, os estudos foram organizados pelos juízes co-

laboradores conforme a leitura dos textos e identificação da principal área temática e contexto debatidos em cada artigo. De forma que emergiram seis conjuntos de categorias de análise, a saber: Sintomatologia, diagnósticos e atendimentos clínicos; Racismo e identidade; Racismo e violência policial; Racismo vicário; Intersecção racismo e gênero e Síndrome racismo e Covid-19. Os estudos estão apresentados na tabela de escopo em ordem cronológica de publicação (Tabela 1).

Tabela 1
Síntese dos Artigos

TÍTULO	AUTORES	METODOLOGIA	AMOSTRA	PAÍS DE ANÁLISE DOS DADOS	OBJETIVO DO ESTUDO	CONCLUSÃO
Entendendo a ligação entre trauma racial e uso de substâncias entre indígenas americanos.	Skewes & Blume (2019)	Quantitativo	25 informantes-chave de indígenas americanos, com média de idade de 51 anos.	Estados Unidos	Abordar as disparidades no uso de substâncias em comunidades rurais de indígenas americanos.	Identificou-se o estresse racial como importante precipitante do consumo de substâncias e uma barreira à recuperação, e o trauma histórico resultante da colonização como uma manifestação de estresse racial que conduz a problemas de saúde comportamentais.
Discriminação racial, consumo de álcool e consequências negativas do consumo de álcool entre afro-americanos	Desalu et al. (2019)	Quantitativo	251 universitários negros (M = 20 anos)	Estados Unidos	Investigar se sintomas depressivos e motivos para beber mediam a relação entre discriminação racial percebida e consumo excessivo de álcool	A discriminação racial percebida associou-se diretamente a problemas com álcool, com sintomas depressivos mediando esse efeito.
Transtorno de estresse pós-traumático em adultos afro-americanos e latinos: Curso clínico e o papel da discriminação racial e étnica	Sibrava et al. (2019)	Quantitativo	139 adultos latinos e 152 adultos afro-americanos (≥ 18 anos) com transtornos de ansiedade; amostra clínica longitudinal de 5 anos	Estados Unidos	Examinar o papel da discriminação racial e étnica no desenvolvimento de TEPT.	Afro-americanos e latinos apresentam taxas mais altas e pior curso clínico de TEPT em comparação a adultos brancos.
Associações entre discriminação étnica/racial e sintomas internalizantes e comportamentos externalizantes entre jovens negros envolvidos com o sistema de justiça juvenil	Loyd et al. (2019)	Quantitativo	173 adolescentes (86% afro-americanos), 13–18 anos, recentemente presos e em liberdade condicional	Estados Unidos	Investigar a relação entre discriminação racial e sintomas emocionais e comportamentais.	A discriminação racial intensifica depressão, ansiedade, agressão e comportamentos delinquentes em jovens negros em situação de vulnerabilidade.
Eventos traumáticos relacionados a questões raciais online e saúde mental entre adolescentes de cor	Tynes et al. (2019)	Quantitativo	302 adolescentes afro-americanos e latinos, 11–19 anos	Estados Unidos	Examinar a relação entre exposição <i>online</i> a eventos traumáticos associados à raça e à saúde mental	Maior exposição <i>online</i> a eventos traumáticos associou-se a níveis mais altos de TEPT e depressão, especialmente entre meninas.

Discriminação racial/étnica e ideação suicida em jovens adultos: O papel do estresse traumático e dos sintomas depressivos varia de acordo com o gênero, não com a raça/etnia	Polanco-Roman et al. (2019)	Quantitativo	1.344 adultos racial/eticamente diversos ($M = 19$ anos)	Estados Unidos	Investigar se estresse traumático e sintomas depressivos explicam a relação entre discriminação racial/étnica e ideação suicida entre gêneros e grupos raciais/étnicos.	Discriminação frequente aumentou estresse traumático, depressão e ideação suicida, sobretudo em mulheres jovens, sem diferenças raciais/étnicas significativas.
A cor da pele como fator preditivo da saúde mental em crianças latinas	Calzada et al. (2019)	Quantitativo	684 crianças mexicanas e dominicanas, 4-5 anos; entrevistas com mães e professores	Estados Unidos	Investigar a relação entre cor da pele e saúde mental de crianças latinas.	Crianças de pele mais escura apresentaram mais ansiedade, depressão e hiperatividade, especialmente meninas.
Identidade étnico-racial coletiva e resultados de saúde entre jovens afro-americanos: Análise dos efeitos promotores e protetores	Zapolski et al. (2019)	Quantitativo	612 jovens afro-americanos, 8ª série	Estados Unidos	Investigar como a identidade étnico-racial coletiva (Ceri) influencia depressão, ansiedade e uso de substâncias.	A Ceri mostrou efeito protetor isoladamente, mas não moderou o impacto da discriminação racial nos desfechos de saúde.
Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: Experiências e percepções de mulheres negras	Gouveia & Zanello (2019)	Qualitativo	7 mulheres negras ($M = 25$ anos), ensino superior	Brasil	Coletar narrativas de mulheres negras atendidas por psicoterapeutas brancos/as sobre experiências de racismo e a escuta na diáspora birracial.	Relataram transferência inter/intra-racial e falta de preparo dos/as terapeutas, com quase ausência de discussões raciais na clínica.
A influência do racismo internalizado na relação entre discriminação e ansiedade	Sosoo et al. (2020)	Quantitativo	157 universitários negros ($M = 18$ anos) em instituição predominantemente branca	Estados Unidos	Examinar longitudinalmente se o racismo internalizado modera a relação entre discriminação racial e ansiedade.	A discriminação previu maior ansiedade entre estudantes com níveis moderados/altos de racismo internalizado.
A associação entre discriminação e TEPT em afro-americanos: Explorando o papel do gênero	Brooks et al. (2020)	Quantitativo	806 participantes, majoritariamente afro-americanos, de bairros de baixa renda	Estados Unidos	Examinar a associação entre discriminação e TEPT.	A discriminação associou-se à maior probabilidade de TEPT de maneira semelhante em ambos os gêneros.
O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras	Martins et al. (2020)	Quantitativo	76 mulheres negras ($M = 24$ anos)	Brasil	Avaliar o efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental.	Microagressões frequentes previram pior saúde mental e autoestima; a autoestima mediou esse efeito, e a identidade moderou a relação, com maior identificação associada a maior vulnerabilidade diante da discriminação.

Assassinatos cometidos pela polícia e suicídios entre afro-americanos	Kyriopoulos et al. (2022)	Quantitativo	Dados mensais de suicídio (2013–2018) das nove divisões do Census Bureau	Estados Unidos	Examinar a associação entre assassinatos policiais e taxas de suicídio entre pessoas negras.	Meses com assassinato policial de pessoa negra tiveram aumento de suicídios entre negros; nenhuma associação foi encontrada para brancos.
Exposição à discriminação racial nas redes sociais e saúde mental entre adolescentes não brancos	Tao & Fisher (2022)	Quantitativo	407 jovens (15–18 anos; asiáticos, negros, indígenas e latinos)	Estados Unidos	Avaliar relações entre uso de mídias sociais, discriminação individual/vicária online e saúde mental.	A discriminação racial <i>online</i> aumentou sintomas depressivos e problemas com drogas, alimentando maior uso das redes e exposição contínua à discriminação.
Quando a aceitação (passiva) dói: Estratégias de enfrentamento baseadas em raça moderam a associação entre discriminação racial e saúde mental entre afro-americanos	Mekawi et al. (2022)	Quantitativo	401 adultos negros (18–78 anos; $M = 44$)	Estados Unidos	Examinar diferenças em TEPT e depressão segundo estilo de enfrentamento racial e testou moderação entre discriminação e TEPT.	Sintomas foram mais graves no enfrentamento passivo; o enfrentamento racial moderou os efeitos da discriminação, com impacto significativo apenas para estilos passivo e moderado, indicando efeito protetor do enfrentamento ativo.
Os efeitos do racismo na saúde mental das militantes negras do MMNDS	V. C. Santos & Dias (2022)	Qualitativo	6 mulheres negras ($M = 37$ anos), militantes do Movimento de Mulheres Dandara do Sisal (Bahia)	Brasil	Analisar experiências de racismo entre mulheres negras do MMNDS.	As participantes relataram opressões interseccionais em múltiplos contextos e impactos materiais e simbólicos na identidade e saúde mental; o movimento atua como espaço de resistência e afirmação racial.
Forças apesar do estresse: Estressores socioestruturais e mecanismos psicossociais de proteção contra sintomas depressivos em homens negros nos EUA	Del Río-González et al. (2022)	Quantitativo	578 homens negros urbanos (18–45 anos), majoritariamente de baixa renda	Estados Unidos	Examinar associações entre estressores socioestruturais e depressão, e o papel moderador do apoio social e do enfrentamento.	Discriminação e encarceramento previram mais sintomas depressivos; os efeitos foram mais fortes entre homens com baixa resolução de problemas e pouco apoio social.
Discriminação racial e consumo nocivo de álcool entre pessoas negras: O papel da ansiedade social no modelo de estresse minoritário	Buckner et al. (2022)	Quantitativo	251 universitários negros ($M = 21$ anos)	Estados Unidos	Examinar o papel da ansiedade social na relação entre discriminação racial e consumo perigoso de álcool.	A discriminação aumentou a ansiedade social, que mediou o consumo perigoso de álcool.
Racismo ao longo da vida e sintomas depressivos entre mulheres negras jovens	Quist et al. (2022)	Quantitativo	1.612 mulheres negras, 23–34 anos	Estados Unidos	Avaliar efeitos do racismo ao longo da vida sobre sintomas depressivos e identificar períodos sensíveis.	Racismo frequente antes dos 20 anos aumentou o risco de depressão grave; os efeitos foram mais fortes na infância/adolescência do que na vida adulta jovem.

Racismo, sintomas de estresse pós-traumático e disparidade racial na síndrome de Covid-19 nos EUA	Zhou et al. (2022)	Quantitativo	2.019 participantes racialmente diversos, 18–99 anos ($M = 40$)	Estados Unidos	Examinar disparidades raciais em TEPT durante a Covid-19	Participantes negros apresentaram mais TEPT, explicado principalmente pelo racismo direto/indireto, e não por estressores da Covid-19.
O esquema da supermulher: Um contexto para a compreensão do sofrimento psicológico entre mulheres afro-americanas de classe média que percebem microagressões raciais	Knighton et al. (2022)	Quantitativo	243 mulheres afro-americanas, 19–72 anos ($M = 39$)	Estados Unidos	Investigar relações entre sofrimento psicológico, microagressões e a obrigação de demonstrar força/suprimir emoções.	A obrigação de mostrar força associada à microagressões aumentou o sofrimento e reduziu a busca de ajuda, levando mulheres afro-americanas a procurar cuidado apenas em crises.
Discriminação racial, saúde mental e saúde comportamental durante a pandemia de Covid-19: Uma pesquisa nacional nos Estados Unidos	Shi et al. (2022)	Quantitativo	2.709 participantes racial/eticamente diversos, ≥ 18 anos	Estados Unidos	Examinar associações entre discriminação racial e saúde mental/comportamental durante a pandemia.	A discriminação associou-se a maior sofrimento e uso de substâncias, especialmente entre participantes negros, asiáticos e hispânicos.
Racismo relacionado à Covid-19, sintomas depressivos, motivações para o consumo de álcool como mecanismo de enfrentamento e gravidade do uso de álcool entre jovens adultos asiático-americanos	Keum & Choi (2022)	Quantitativo	139 adultos asiático-americanos ($M = 23$ anos)	Estados Unidos	Investigar se o racismo relacionado à Covid-19 prediz gravidade do uso de álcool via sintomas depressivos.	O racismo da Covid-19 previu maior uso de álcool direta e indiretamente por meio de sintomas depressivos.
Discriminação racial vivenciada por pais negros: Consequências duradouras para a saúde mental de jovens adolescentes	Galán et al. (2022)	Quantitativo	252 díades de pais e filhos negros (média de idade dos jovens = 11 anos)	Estados Unidos	Investigar se a discriminação racial vivenciada pelos pais prediz maior conflito parental, que então influenciaria sintomas depressivos, ansiosos e problemas de conduta na adolescência.	A discriminação racial dos pais foi associada a maior conflito entre pais e filhos, a qual, por sua vez, previu níveis mais altos de depressão nos jovens. Houve efeito indireto significativo da discriminação na depressão via conflito.

Fatores que contribuem para a saúde mental de jovens negros	Salami et al. (2022)	Qualitativo	9 jovens negros entre 16 e 30 anos	Canadá	Explorar fatores que influenciam positiva e negativamente a saúde mental de jovens negros em Alberta.	Os principais fatores negativos incluíram discriminação racial, desconexão intergeracional, microagressões e estigma, expectativas acadêmicas, estresse financeiro, falta de identidade, traumas prévios e questões religiosas. Fatores positivos incluíram senso de realização, abertura para discutir saúde mental, relações de apoio, sentimento de comunidade e espiritualidade. Os autores recomendam abordar o racismo antinegro de forma holística e interseccional, fortalecer vínculos familiares e criar espaços seguros para apoiar a saúde mental desses jovens.
Experiências vicárias de discriminação grave e sofrimento psicológico entre homens e mulheres negros	Moody et al. (2022)	Quantitativo	627 adultos negros ($M = 43$ anos)	Estados Unidos	Investigar as consequências da discriminação vicária para a saúde mental de pessoas negras.	A discriminação vicária, mesmo após controlar a discriminação pessoal e outros estressores gerais, esteve associada a maior sofrimento psicológico entre mulheres negras. Entre homens negros, entretanto, a discriminação cotidiana diretamente vivenciada, o estresse crônico e o trauma ao longo da vida tiveram maior peso do que a discriminação vicária na predição de problemas psicológicos.
Associação entre raça/cor, gênero e capacidade intrínseca: Resultados do estudo ELSI-Brasil	Plácido et al. (2023)	Quantitativo	9.070 adultos de meia-idade e idosos pretos, pardos e brancos (≥ 50 anos)	Brasil	Investigar associações entre raça e capacidade intrínseca (cognitivo, psicossocial, vitalidade, locomotor e sensorial) em adultos de meia-idade e idosos brasileiros.	Participantes pretos e pardos apresentaram pior desempenho em fluência verbal e mais sintomas depressivos, além de pior autopercepção de saúde e maior percepção de discriminação em consultas médicas, bem como maior dependência do sistema público de saúde. Os participantes brancos, por sua vez, tiveram maior comprometimento sensorial (visual ou auditivo).

A influência dos determinantes sociais na vida de mulheres negras no Centro de Atenção Psicossocial do tipo álcool e outras drogas em Caucaia, Ceará	Azevedo & Gomes (2023)	Qualitativo	Levantamento documental de 29 prontuários de mulheres negras (pretas ou pardas), majoritariamente entre 31 e 40 anos, que abriram atendimento no CAPS-AD de Caucaia no último trimestre de 2020	Brasil	Analisar os determinantes sociais de saúde que incidem na vida de mulheres negras em acompanhamento biopsicossocial no CAPS-AD	Fatores de risco relacionados ao contexto familiar, renda e condições de trabalho exercem influência direta e estressora sobre o uso de álcool e tabaco. As mulheres enfrentam barreiras importantes para manter o tratamento, incluindo racismo institucional, baixa escolaridade, trabalhos informais ou desemprego, além da pressão social e da sobrecarga de tarefas domésticas e de cuidado familiar. Apesar do predomínio de um modelo ainda biomédico no CAPS-AD, todas reconheceram a importância do trabalho da Psicologia no tratamento.
“Pra nós que somos negras, tudo é mais difícil”. Cartografia de uma mulher negra em sofrimento psíquico	Souza et al. (2023)	Qualitativo	Uma mulher negra acompanhada por uma enfermeira psiquiátrica em um Hospital Geral	Brasil	Cartografar a trajetória de racismo estrutural e sofrimento psíquico vivenciada por uma mulher negra atendida em enfermeira psiquiátrica.	A análise dos relatos evidenciou pautas de auto-ódio e solidão da mulher negra, compreendidas como produtos do racismo, do sexismo e do classismo. A subjetividade produzida por essas violências internaliza sentimentos de inferioridade, solidão, auto-ódio e não pertencimento, demonstrando como o sofrimento psíquico é atravessado pelo racismo estrutural, que condiciona a existência da população negra ao menor valor, à estigmatização e à desumanização.
Preocupação de mães negras com seus filhos como uma medida de vigilância relacionada ao racismo vicário e carga alostática	Daniels et al. (2023)	Quantitativo	140 mães negras	Estados Unidos	Investigar a relação entre a carga alostática na saúde de mães negras e a vigilância vicária relacionada ao racismo.	A vigilância vicária relacionada ao racismo foi positivamente associada à maior carga alostática. As interseções entre raça, gênero e maternidade tornam as mães negras particularmente suscetíveis a formas específicas de estresse que prejudicam a saúde.

O racismo institucional na universidade e consequências na vida de estudantes negros: Um estudo misto	Guerra et al. (2024)	Misto	125 universitários negros (pretos ou pardos), maiores de 18 anos	Brasil	Analisar como o racismo institucional em uma universidade pública brasileira afeta a vida de estudantes negros.	Mais da metade dos participantes (54,4%) relataram ter sofrido racismo na universidade. As experiências de racismo afetam negativamente a autoconfiança, a motivação, a saúde mental e o desempenho acadêmico dos estudantes negros.
A instrumentalização da medicina: Psicose precoce na comunidade negra e a necessidade de cuidados de saúde mental com perspectiva racial	Faber et al. (2023)	Qualitativo	Casos noticiados nos EUA e Canadá envolvendo pessoas negras e o duplo estigma do racismo e do (sobre) diagnóstico psiquiátrico	Estados Unidos e Canadá	Oferecer uma visão geral das experiências de pessoas negras com transtornos precoces do espectro da esquizofrenia e discutir soluções racialmente informadas para promover cuidados em saúde mental mais equitativos.	Pessoas negras são diagnosticadas com transtornos do espectro da esquizofrenia em taxas significativamente mais altas do que pessoas brancas, não por razões genéticas, mas devido a fatores sociais. Esses sobrediagnósticos resultam em consequências punitivas ao longo da vida – como menor acesso a oportunidades, cuidados de pior qualidade, maior contato com o sistema de justiça, violência policial e criminalização. O viés racial de profissionais de saúde, somado à maior exposição de pessoas negras a estressores traumáticos causados pelo racismo, contribui fortemente para diagnósticos incorretos e prejudiciais.

Discussão

Das seis categorias de análise mencionadas, 18 estudos integraram a categoria de Sintomatologia, diagnósticos e atendimentos clínicos; 2 estudos integraram a categoria de Racismo e identidade; 1 estudo integrou a categoria de Racismo e violência policial; 3 estudos integraram a categoria de Racismo vicário; 5 estudos integraram a categoria de Intersecção racismo e gênero; e 3 estudos integraram a categoria de Sindemia racismo e Covid-19. Apesar da classificação dos estudos por categorização de subtema principal, todas essas categorias estão unificadas pelos determinantes da condição de vida nos aspectos raciais e sociais em saúde. Para uma melhor apresentação dos resultados, os estudos serão

discutidos de acordo com a ordem citada das categorias.

Sintomatologia, Diagnósticos e Atendimentos Clínicos

Os 18 artigos que compuseram esta categoria apresentaram a característica de explorar as relações diretas e indiretas entre racismo e variáveis de condições psicológicas clínicas, como depressão, estresse, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e uso de substâncias, em contextos como a família, o acesso ao serviço de atendimento profissional, a relação terapêutica e o recebimento de diagnósticos.

Os estudos quantitativos de Brooks et al. (2020), Mekawi et al. (2022), Polanco-Roman et al. (2019) e Sibrava et al. (2019), que

tiveram como amostras os públicos adultos de afro-americanos, latinos e asiáticos, mostram as relações entre sofrer discriminação racial e uma probabilidade significativamente maior de desenvolver perturbação de estresse pós-traumático em comparação aos adultos brancos, e que o curso clínico do TEPT nesses grupos minoritários é fraco. Brooks et al. (2020) concluíram que essa relação significativa ocorreu de maneira semelhante para homens e mulheres. No entanto, Polanco-Roman et al. (2019), ao avaliarem como o estresse traumático e os sintomas depressivos mediam o impacto da discriminação racial/étnica na ideação suicida entre gêneros, perceberam um aumento no risco de ideação suicida sobretudo em mulheres jovens, apontando para um grupo aparentemente mais vulnerável. Com efeito, a respeito do gênero, em estudo de Calzada et al. (2019) sobre cor da pele e a saúde mental com crianças latinas, foi percebido que indicadores de ansiedade, depressão e hiperatividade eram maiores para as crianças negras com relação aos seus pares brancos, e este padrão foi particularmente pronunciado para as meninas.

Além disso, Mekawi et al. (2022) observaram que o estilo da resposta de enfrentamento baseado na raça (passivo, moderado e ativo) pode ser um moderador da associação entre discriminação racial, estresse pós-traumático e depressão, sendo que a gravidade dos sintomas foi significativa apenas para os grupos passivo e moderado. Assim, para os negros americanos, lidar ativamente com o racismo pode amortecer a associação entre discriminação racial e gravidade dos sintomas psicológicos. Resultados semelhantes foram encontrados por Del Río-González et al. (2022), ao afirmarem que a discriminação provoca níveis mais fortes de depressão para os que relataram níveis mais baixos de habilidades de enfrentamento e menos apoio social. Presume-se, portanto, que é crucial o papel do apoio social e das estratégias de enfrentamento como fatores capazes de mitigar os efeitos negativos da discriminação racial na saúde mental. Isso sugere que políticas e práticas devem focar em fortalecer essas redes de apoio.

Outrossim, vários estudos destacam como a discriminação racial contribui para o aumento do uso de substâncias como uma manifestação de estresse racial que conduz a problemas de saúde comportamentais. Com o intuito de abordar as disparidades no uso de substâncias em comunidades rurais de indígenas americanos, Skewes e Blume (2019) contataram 25 informantes-chave de um grupo de indígenas. Foi identificado que o estresse causado pelo racismo e o trauma histórico resultante da colonização foram importantes precipitantes do consumo de substância, ao mesmo tempo em que se configuram como uma barreira à recuperação. Cabe frisar que, na presente revisão, essa é a única amostra encontrada com foco exclusivamente em indígenas, alertando a necessidade de serem desenvolvidas mais pesquisas nesse sentido no campo da Psicologia.

Os artigos de Buckner et al. (2022), Desalu et al. (2019) e Sosoo et al. (2020) abordam estudantes universitários negros nos Estados Unidos, revelando que a discriminação racial está associada a sintomas depressivos e de ansiedade social que, por sua vez, impulsionam o consumo excessivo de álcool e suas consequências negativas. Em seu estudo, Guerra et al. (2024) examinam como o racismo em uma universidade pública brasileira afeta a vida de estudantes negros e negras, quando 54,4% dos participantes afirmaram ter sofrido racismo pelo menos uma vez dentro da universidade, afetando sua saúde mental e seu desempenho acadêmico. Fica claro que o contexto das universidades torna perceptível o racismo institucional, tanto nas universidades americanas quanto brasileiras. Esses estudos mostram que o comportamento problemático do uso de álcool e drogas se manifesta como forma de enfrentamento às experiências de discriminação racial e, isso posto, compreende-se que para intervenções de recuperação mais eficazes, é necessário abordar determinantes sociais da saúde, como a discriminação racial e traumas históricos.

No tocante ao público adolescente, com o objetivo de investigar se experiências de discriminação racial dos pais negros preveem o au-

mento do conflito entre pais e filhos no início da adolescência, o que por sua vez estaria associado à depressão, à ansiedade e a problemas de conduta nos jovens, Galán et al. (2022) abordaram 252 díades de pais e filhos afro-americanos, em que os jovens tinham em média 11 anos de idade. Os autores perceberam que houve um efeito indireto significativo da discriminação racial vivida pelos pais na depressão relatada pelos jovens através do conflito entre pais e filhos.

Salami et al. (2022) mencionam que o conflito, desconexão ou “fosso intergeracional” nas famílias é um dos fatores dominantes que contribuem negativamente para os problemas de saúde mental da juventude negra no Canadá. Cabe ressaltar que essas informações podem explicar os problemas comportamentais afirmados por Loyd et al. (2019): a discriminação racial pode exacerbar problemas emocionais (depressão, ansiedade) e comportamentais (agressão e comportamento delinquente) em jovens negros. Fica demonstrado que as repercussões intergeracionais do racismo na saúde mental de famílias e comunidades perpetuam um ciclo de sofrimento.

Com referência aos ambientes de cuidado de saúde mental e o estilo de serviço prestado, Gouveia e Zanello (2019) coletaram narrativas de mulheres negras atendidas por psicoterapeutas brancos/as, mencionando suas vivências cotidianas de racismo e como se deu a escuta na terapia. Foram apresentados temas como a transferência inter/intrarracial (evitação da terapeuta branca ou idealização da terapeuta negra) no processo terapêutico e a falta de formação do psicoterapeuta para atender clientes negros/as. Constatou-se que, mesmo quando a terapeuta era negra, o assunto de relações raciais nunca era iniciado pelo profissional e a iniciativa sempre foi da paciente. Possivelmente, por razões diferentes: no caso da terapeuta branca, talvez por não perceber a alienação à própria branquitude e, no caso da negra, pela possibilidade de o assunto tocar em questões pessoais (da terapeuta) ainda não elaboradas.

Destaca-se, portanto, a falta de preparação dos terapeutas para abordar questões raciais, impossibilitando a formação do vínculo e da rela-

ção terapêutica. A quase inexistência e até mesmo negação da abordagem de questões raciais nos atendimentos psicoterapêuticos é um tipo de violência, à medida que invalida as experiências e a subjetividade dos(as) pacientes negros(as). Por isso, a formação técnica nos cursos de graduação em Psicologia precisa ser remodelada para atender às necessidades de todos os públicos e fornecer conhecimentos que amparem o psicólogo clínico em sua prática (Gouveia & Zanello, 2019), além da importância de uma prática supervisionada que também implique processos de sensibilização sobre a temática racial (Guimarães & Podkameni, 2012).

Nesse íterim, Faber et al. (2023) investigam ainda a problemática do sobrediagnóstico (uma questão de saúde pública, já que converte as pessoas em pacientes sem necessidade) de doenças mentais graves (e.g. esquizofrenia) e como o duplo estigma dessa condição associada ao racismo afeta negativamente a vida das pessoas negras nos Estados Unidos e no Canadá. Ainda de acordo com Faber et al. (2023), há uma disparidade notável entre a prevalência de transtornos do espectro da esquizofrenia em pessoas negras e brancas nesses países, provavelmente não por origens genéticas, mas sim, em grande parte, por preconceitos sociais enraizados que resultam no excesso de diagnósticos para as pessoas negras e levam a diversas consequências sociais punitivas para elas, como oportunidades reduzidas diante do reforço dos estereótipos patológicos dos negros em torno do uso de substâncias, do perfil violento e das fracas competências sociais. Finalmente, tais autores apontam então para um problema sistêmico de preconceito dentro do sistema de saúde, que necessita de reformas significativas de soluções racialmente informadas para cuidados de saúde mental equitativos.

A pesquisa de Plácido et al. (2023) realizada no Brasil com adultos de meia-idade e idosos pretos, pardos e brancos, com idade igual ou superior a 50 anos, analisou associações entre a raça/cor, gênero e capacidade intrínseca (cognição, psicossocial, vitalidade, locomoção e sensorial). Enquanto os voluntários brancos apresentaram maior comprometimento sensorial

(deficiência visual ou auditiva), os participantes negros e pardos tiveram pior desempenho no teste de fluência verbal, mais sintomas depressivos e também relataram pior percepção de saúde, maior discriminação percebida durante consultas médicas e maior dependência do sistema público de saúde.

Racismo e Identidade

Os dois estudos que trouxeram a variável da identidade étnico-racial (Martins et al., 2020; Zapolski et al., 2019) buscaram investigar seu potencial de moderação entre sofrer racismo e seus impactos para a saúde mental. Os resultados de Zapolski et al. (2019) com jovens afro-americanos sugerem que, embora a identidade étnico-racial coletiva tenha sido protetora contra sintomas de depressão e ansiedade quando considerada isoladamente (i.e., uma forte conexão com a própria identidade étnica pode fornecer um senso de pertencimento e resiliência emocional), quando examinado o seu efeito moderador na relação entre racismo e saúde mental, observou-se efeito não significativo. Implicando que, apesar de a identidade coletiva desempenhar um papel importante e oferecer suporte emocional e proteção em contextos gerais, ela pode não ser suficiente para amortecer o risco de impactos negativos diretos decorrentes da discriminação racial.

No estudo de Martins et al. (2020) com 76 mulheres negras brasileiras explorando o papel mediador da autoestima e o papel moderador da identidade na relação entre racismo e saúde mental, a autoestima foi identificada como variável mediadora, de modo que uma maior autoestima pode aumentar o nível de resiliência e proteger a saúde mental. Já a respeito da identidade, foram obtidos dados interessantes: a forte identificação como mulher negra modera a relação entre microagressões e saúde mental, contudo, paradoxalmente, aquelas com alta identificação podem sofrer maiores impactos negativos quando enfrentam frequentes microagressões, provavelmente devido ao maior reconhecimento e à sensibilidade às injustiças.

Observa-se que os resultados dos estudos sobre o papel moderador da identidade étnico-racial são intrigantes, uma vez que alguns sugerem a hipótese de que a moderação da identidade partirá do princípio atenuante, outros sugerem que uma maior identificação grupal tem um efeito amplificador dos impactos negativos na saúde mental, já que aumenta a percepção e a sensibilidade a situações de discriminação. No Brasil, é preciso se desenvolver estudos que busquem uma maior compreensão do efeito moderador da identidade para a população negra. Assim, poderemos pensar em projeções de políticas e intervenções culturalmente sensíveis para abordar a saúde mental em contextos de discriminação racial, que envolvam sua complexidade e forneçam um suporte holístico.

Ademais, esses estudos mostram que há uma necessidade crítica de estratégias adicionais que abordem diretamente os efeitos da discriminação. Abordagens interseccionais e focadas em fortalecer a autoestima podem ser particularmente eficazes na promoção do bem-estar mental, e intervenções precoces podem ser particularmente benéficas para prevenir o desenvolvimento de problemas de saúde mental ao longo da vida.

Racismo e Violência Policial

Nessa categoria, a discussão focalizou apenas em um material (Kyriopoulos et al., 2022), que apresentou dados mensais de índices de suicídio de uma comunidade negra americana (durante o período de 2013 a 2018) associados estatisticamente com eventos de violência policial naquela área. O estudo buscou entender se há uma correlação entre os assassinatos de negros americanos pela polícia e as taxas de suicídio entre essa população. A análise concentrou-se em verificar se os meses com pelo menos um assassinato de uma pessoa negra por um policial estava associado a um aumento nas taxas de suicídio entre negros na mesma área.

Kyriopoulos et al. (2022) verificaram que nos meses em que ocorreu pelo menos um assassinato de uma pessoa negra, a taxa de suicídios entre negros americanos aumentou em 0,0472 por 100 mil pessoas negras na área onde o as-

sassinato ocorreu. Não foi encontrada associação entre assassinatos de negros e suicídios de brancos, entre assassinatos de brancos e suicídios de negros, ou entre assassinatos de brancos e suicídios de brancos. Os autores sinalizam que isso indica um impacto específico local e mensurável, embora pequeno, sobre a comunidade negra quando ocorrem assassinatos de negros pela polícia, sugerindo um efeito perturbador na comunidade em resposta a tais incidentes. A ausência de associação entre assassinatos de policiais de brancos e taxas de suicídio, tanto entre brancos quanto entre negros, reforça a ideia de que a violência policial contra negros carrega um peso psicológico diferente e mais devastador para a comunidade negra (Das et al., 2021). Isso aponta para uma vulnerabilidade específica dessa população em relação à violência institucionalizada.

Ainda que o aumento observado nas taxas de suicídio possa parecer pequeno (0,0472 por 100 mil), seu impacto social é profundo. Cada aumento estatístico representa vidas humanas e reflete um sintoma grave de uma crise social maior. Este aumento é especialmente significativo por se referir a um período de apenas um mês, indicando um efeito imediato e agudo da violência policial.

Partindo desses resultados estatísticos, entende-se que o impacto psicológico da exposição contínua à violência policial na comunidade é gerado por estresse coletivo e trauma significativo (exacerbando sentimentos de medo, insegurança e desesperança), que são fatores de risco para o suicídio. Dessa forma, o estudo de Kyriopoulos et al. (2022) põe em evidência uma necessidade crítica de mudanças tanto nas práticas policiais quanto nas políticas de saúde pública. Cabe também destacar a carência de estudos que abordem essa temática no Brasil, uma vez que dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021) apontam para pessoas negras representando 78,9% das vítimas de intervenções policiais. No mais, em termos de prevenção de suicídio, é pertinente mencionar a importância da disponibilidade de suportes de saúde mental para as comunidades,

a exemplo o Centro de Valorização da Vida (CVV, 2018).

Racismo Vicário

Quanto à categoria de racismo vicário, composta por três estudos, compreende-se a discriminação racial vivida de forma indireta ou observada (e.g. exposição a eventos traumáticos associados à raça, como testemunhar assassinatos, visualizar ou ouvir notícias angustiantes dirigidas a membros do próprio grupo étnico-racial). Essa forma de discriminação pode ser tão prejudicial quanto a experiência direta, pois evoca empatia e pode reforçar sentimento de insegurança e impotência dentro de uma comunidade.

Nesse contexto, os estudos inclusos exploram a interseção entre o uso de mídias sociais, a experiência de discriminação racial (tanto direta quanto vicária) e seus efeitos na saúde mental de jovens asiáticos, negros, indígenas e latinos entre 15 e 18 anos nos Estados Unidos (Tao & Fisher, 2022) e adolescentes afro-americanos e latinos com idade entre 11 e 19 anos (de Tynes et al., 2019). Com amostras diversas de adolescentes, os estudos elucidam sobre como a exposição a conteúdos discriminatórios nas redes sociais pode intensificar problemas de saúde mental (sintomas depressivos e níveis mais elevados de sintomas de TEPT, principalmente para as meninas) e de comportamento (problemas com drogas). Tao e Fisher (2022) afirmam que tal exposição, ao passo que amplifica os problemas na saúde mental, gera, por sua vez, um ciclo vicioso que leva ao aumento do tempo de uso das redes sociais e a mais postagens sobre justiça racial, potencialmente expondo ainda mais os jovens à discriminação.

Referente ao público adulto de homens e mulheres negros, Moody et al. (2022) perceberam que para as mulheres, a discriminação vicária adiciona uma camada extra de sofrimento psicológico além da discriminação geral cotidiana, enquanto para os homens a discriminação vivenciada pessoalmente e o estresse crônico são mais influentes para problemas psicológicos. Supõe-se que isso ocorra devido à posição de cuidadora ocupada pela maioria das mulheres

nos centros de suas famílias (Woods-Giscombé et al., 2019), enquanto para os homens, de acordo com Moody et al. (2022), pode ocorrer a internalização de normas culturais que desencorajam a expressão emocional, além de que homens relatam com frequência a exposição à violência direta.

Acrescenta-se que medidas voltadas para um acesso à interação digital mais segura são necessárias para prevenção do racismo vicário online e também do *cyber* racismo, a exemplo de plataformas responsabilizadas com regulamentações e possíveis dicas de como identificar, remover e reportar conteúdo racista online, com a disponibilidade de ferramentas capazes de detectar esse tipo de conteúdo. Nesse ínterim, Beidacki et al. (2024) apontam para ferramentas técnicas presentes nas plataformas digitais e aplicativos de redes sociais mais utilizados, que podem direcionar e orientar as vítimas a combater discursos de ódio, desenvolvidas em forma de cartilha de respostas rápidas. Vale destacar a importância de incorporar tais ferramentas, como cartilhas e outros materiais educativos nas práticas escolares, de modo a promover estratégias antirracistas e informativas, considerando que as escolas são importantes espaços de socialização, onde ocorrem, com frequência, experiências de racismo direto e vicário (Moreira-Primo & França, 2020).

Intersecção Racismo e Gênero

Dos cinco estudos selecionados nesta categoria, três deles (Azevedo & Gomes, 2023; Santos & Dias, 2022; Souza et al., 2023) foram brasileiros e trouxeram abordagens qualitativas, e dois (Daniels et al., 2023; Quist et al., 2022) foram estudos internacionais que utilizaram abordagens quantitativas. Todos apresentaram objetivos voltados para a compreensão do entrecruzamento das experiências de racismo com a condição de ser mulher negra. Nesse sentido, foi possível observar que os impactos do racismo acontecem tanto materialmente, em termos de acessibilidade a serviços de saúde, estudos e mercado de trabalho e no âmbito materno-familiar; como também no âmbito

simbólico da subjetividade, da autoestima e da identidade.

No estudo de Santos e Dias (2022), por exemplo, as entrevistadas relataram seu sofrimento decorrente da exclusão social, da negação dos seus direitos e da desigualdade de oportunidades ao serem comparadas aos homens, pois são atribuladas por tarefas domésticas e os cuidados com filhos e companheiro/a. Assim, com a carência de oportunidades e impossibilidade de gerenciar uma vida com boas condições de estudo e trabalho, o ambiente familiar e as condições de renda tornam-se fatores de risco e vulnerabilidade. O papel da maternidade pode desempenhar na vida de uma mulher negra potencial suscetibilidade a estressores peculiares, como a carga alostática (desgaste resultante da hiperatividade dos sistemas nervoso autônomo, cardiovascular e imunológico) relacionada à vigilância vicária por preocupação com os filhos na possibilidade desses sofrerem racismo (Daniels et al., 2023).

Os fatores de risco mencionados anteriormente estão relacionados diretamente com a saúde, a partir da somatização do adoecimento mental e do comportamento de uso de substâncias como álcool e tabaco (principais substâncias mencionadas no estudo de Azevedo & Gomes, 2023) como estratégia de enfrentamento de problemas. Com a baixa escolaridade, o desemprego ou a ocupação de empregos informais como consequência do racismo institucional, essas mulheres encontram maiores obstáculos para serem acompanhadas nos centros de reabilitação por profissionais de saúde especializados. Além do fato de que muitas sentem vergonha pelo estigma imposto e a pressão social de evitar o acompanhamento, fazendo com que muitas abandonem o atendimento na metade do processo.

Outros dificultadores ao acesso de acompanhamento em saúde para mulheres negras são mencionados no estudo de Knighton et al. (2022), como a percepção de obrigação de mostrar força e consequente supressão de emoções em situações de microagressões raciais percebidas, endossada por muitas mulheres negras, tornando-as menos propensas a buscar ajuda

(incluindo a psicoterapia). Percebe-se a romantização social do sofrimento, na qual um discurso mártir de força e superação – o esquema da Super Mulher estudado por Woods-Giscombé et al. (2019) – é divulgado e internalizado, podendo fazer com que essas mulheres carreguem e “prendam” suas angústias para atender às necessidades de outros, até atingir um estado de crise ou colapso emocional ou físico, gerando maior sofrimento psicológico.

No que se refere aos impactos do racismo no campo simbólico e representativo da subjetividade e da autoestima, temos o estudo de Souza et al. (2023) que descreve a trajetória de racismo estrutural e de sofrimento psíquico de uma mulher negra acompanhada por uma enfermagem psiquiátrica em um Hospital Geral. A entrevistada expõe as pautas de uma infância periférica de miséria e isolamento e uma vida conjugal problemática enquanto chefe de família (produtos do racismo, do sexismo e do classismo). Discorre também frequentes conteúdos de desvalorização e inferioridade, vergonha de si e da sua cor, que “nada nela ficaria bonito”, que não sentia vontade de sair na rua e quando se olhava no espelho, ouvia vozes lhe dizendo que ela era feia e não sabia fazer nada, evidenciando o auto-ódio. A pauta da solidão da mulher negra e do não lugar também aparece, considerando suas frustrações afetivas por ser preterida e pela sobrecarga de funções na responsabilidade familiar.

A avaliação longitudinal de Quist et al. (2022) sobre os efeitos do racismo em sintomas depressivos ao longo da vida de mulheres negras ocorreu em dois períodos de tempo: antes e depois dos 20 anos de idade. Os autores perceberam que as mulheres que experimentaram alta frequência de racismo antes dos 20 anos tiveram um risco aumentado de sintomas depressivos graves. As associações entre racismo e sintomas depressivos foram mais fortes no período da infância e adolescência em comparação à idade adulta jovem, sugerindo que o início da vida pode ser um período particularmente mais sensível para vivenciar o racismo, tendo repercussões na vida adulta. A infância e a adolescência, sendo as primeiras fases do desenvolvimento huma-

no e etapas cruciais na internalização de crenças e construção do *self* (Erikson, 1972), demandam atenção à educação, socialização e letramento racial de todas as crianças.

As seis militantes do Movimento de Mulheres Dandara do Sisal (MMNDS) entrevistadas por Santos e Dias (2022), afirmam em seus relatos a questão da exclusão social e explicam a importância de estarem em movimento coletivo que ponha em prática as estratégias de resistência antirracistas por meio da denúncia, reivindicação de seus direitos e melhores condições de vida, reafirmando, assim, sua identidade.

As informações aqui reunidas indicam que mulheres negras concentraram piores índices de qualidade de vida quando comparadas com as não negras. O que pode ser percebido nos fatores sociais, tais como o número de mulheres negras vítimas de feminicídio no Brasil (61,8%) registrado em 2021 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). A intersecção de raça e gênero torna as mulheres negras mais suscetíveis à marginalização, visto que estas são duplamente subjugadas pelo racismo e machismo. Nenhum material encontrado nesta revisão tratou exclusivamente da população de mulheres negras idosas (as amostras se concentraram em mulheres com idades entre 30 e 40 anos), o que desperta sobre a importância de estudos que considerem também a intersecção do racismo com o sexismo e o idadismo.

Sindemia Racismo e Covid-19

O termo *sindemia* descreve a interação de duas ou mais epidemias que, ao ocorrerem simultaneamente, intensificam e agravam os impactos sobre as populações afetadas. Na presente revisão, a sindemia de racismo e Covid-19 refere-se à maneira como ocorreu a combinação da pandemia do coronavírus com o então racismo estrutural, agravando os efeitos negativos na saúde e no bem-estar (condições pré-existent exacerbadas pelo racismo) de comunidades racialmente marginalizadas.

Por fim, os três artigos aqui inseridos corroboram outras categorias apresentadas anterior-

mente, ao examinarem diferenças entre sintomas de estresse pós-traumático em adultos com etnias diversificadas (Zhou et al., 2022); o uso de álcool em adultos asiático-americanos, por meio de sintomas depressivos (Keum & Choi, 2022); e vivências de discriminação associadas a sofrimento psíquico e a comportamento de tabagismo, consumo de álcool e sono em adultos de etnias diversas (Shi et al., 2022), todos durante o contexto da pandemia de Covid-19.

Os achados de Zhou et al. (2022) concluem que participantes negros relataram níveis mais elevados de TEPT do que os participantes brancos, e essa disparidade foi mais explicada pelo racismo direto e indireto do que pelos estressores específicos da Covid-19, após controle de idade, sexo, educação, renda, situação parental, experiências adversas na infância e violência por parceiro íntimo. Já sobre os sintomas depressivos, Keum e Choi (2022) demonstraram que o racismo, durante a pandemia da Covid-19, previu direta e indiretamente a gravidade do uso de álcool em asiático-americanos por meio da sequência de sintomas depressivos iniciais, que aumentaram o consumo de álcool para lidar com os motivos. Portanto, considerou-se a sindemia racismo/Covid como fator de risco para problemas relacionados com o álcool.

Por último, o estudo de Shi et al. (2022) conclui que a discriminação durante a pandemia se associou a um maior sofrimento psíquico e maior probabilidade de consumo de álcool e cigarros entre as minorias raciais e étnicas, e que as associações foram mais evidentes entre os entrevistados negros do Leste Asiático, do Sul da Ásia e hispânicos. Em suma, o racismo em curso na comunidade opera como uma crise de saúde pública, além da pandemia de Covid-19. Para uma abordagem eficaz, é preciso atuar por um prisma multidimensional, que enfrente tanto os aspectos imediatos da crise de saúde quanto as raízes profundas das desigualdades raciais.

Como se pôde ver, os estudos apresentados exploram formas e contextos multifacetados pelos quais o racismo impacta a saúde mental das minorias étnico-raciais. As categorias apresentadas nessa revisão de escopo demonstram a ampla

gama de vias e interseções pelas quais o racismo impacta a saúde mental e destacam a necessidade de abordagens específicas e contextualizadas para tratar e mitigar esses efeitos.

Conclusão

Para concluir, considera-se alcançado o objetivo do estudo, que foi o de mapear e sintetizar o conhecimento existente acerca do que há na literatura sobre o efeito do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais na área da psicologia nos últimos cinco anos. Em síntese, o efeito nocivo do racismo à saúde mental se apresentou em múltiplos contextos, intensificando transtornos como depressão e ansiedade, especialmente entre jovens adultos. Por sua vez, mulheres negras são especialmente impactadas por microagressões que articulam racismo e sexismo, comprometendo sua autoestima e bem-estar.

Ao longo da revisão, foi possível perceber que os estudos, em sua quase totalidade, foram estudos internacionais (EUA), focaram no público negro adulto e utilizaram o método quantitativo. Ao analisar os objetivos dos estudos selecionados, verificou-se que o foco das pesquisas era principalmente o de compreender em que medida o racismo impacta (e se esse impacto acontece direta/indiretamente) e altera a saúde mental através do conjunto psicológico da cognição, emoções e comportamentos de minorias étnico-raciais, em um padrão disfuncional e ritmo acelerado, buscando explicar como se formam e reforçam os estigmas sobre esses grupos. Também foi identificado que estratégias ativas de enfrentamento ao racismo por parte das vítimas podem funcionar para reduzir a severidade dos diversos sintomas de adoecimento mental. Além disso, o reforço do apoio social comunitário, dos movimentos antirracistas, das dinâmicas interpessoais das famílias e a criação de espaços abertos e seguros dentro dos serviços de saúde, com uma formação adequada dos profissionais de saúde mental podem intervir mitigando os efeitos da discriminação racial e contribuir positivamente para a promoção da saúde mental.

As principais lacunas científicas e limitações identificadas nesta investigação foram a escassa produção na literatura sobre o tema racismo e saúde mental no Brasil, que apresentou apenas sete estudos, enquanto os casos reportados de discriminações racistas acontecem diariamente em todo o país e a população brasileira é composta em mais de 50% por pessoas pretas e pardas. Não obstante, para uma visão mais abrangente, é fundamental o desenvolvimento de futuras pesquisas no contexto brasileiro, assim como é de extrema relevância a produção de mais estudos que enfatizem as populações indígenas, quilombolas, ciganas e asiáticas. Outrossim, embora esta revisão de escopo tenha proporcionado uma análise relevante sobre os efeitos do racismo na saúde mental de minorias étnico-raciais, é importante reconhecer suas limitações. O escopo do estudo restringiu-se às fontes das bases de dados e do período selecionados e não abrangeu trabalhos como teses, dissertações, outras revisões de escopo ou sistemáticas da literatura. Essa delimitação pode ter influenciado os resultados, deixando de contemplar outras perspectivas teóricas ou evidências adicionais presentes na literatura cinzenta, ou em periódicos não indexados nas bases consultadas. Futuras revisões poderão ampliar o leque de fontes, incorporando uma diversidade maior de produções acadêmicas, a fim de consolidar conclusões mais abrangentes e robustas sobre o tema.

Apesar dessas restrições, os resultados reunidos com a execução da presente proposta poderão contribuir para o conhecimento de evidências sobre os efeitos que o racismo pode ter para as vítimas, tornando possível fomentar o delineamento de estratégias de intervenção pautadas no fortalecimento e promoção de saúde da população que sofre com tais consequências nocivas, mitigando os impactos adversos da exposição à discriminação racial para a saúde mental. Assim, na oportunidade de melhorar e aprofundar essa investigação, espera-se que este estudo sirva de base para pesquisadores(as) que intencionam trabalhar com a temática, auxiliando na construção de conhecimentos e incenti-

vando o desenvolvimento de novas pesquisas no campo da psicologia, que, enquanto ciência, tem a responsabilidade de promover o respeito e igualdade à diversidade racial e étnica.

Contribuição dos autores

Josefa Wanilla da Costa Medeiros e Oscar José P. Neto contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo e fizeram a redação inicial do artigo (rascunho).

Josefa Wanilla da Costa Medeiros, Renan Pereira Monteiro e Andreza Mangueira Estanislau são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Agência Senado. (2021). *Branços dominam representação política, aponta grupo de trabalho*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/11/26/brancos-dominam-representacao-politica-aponta-grupo-de-trabalho>
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen. <https://doi.org/10.1590/2176-457349790>
- Azevedo, U. C., & Gomes, D. D. O. (2023). A influência dos determinantes sociais na vida de mulheres negras no Centro de Atenção Psicossocial do tipo álcool e outras drogas em Caucaia, Ceará. *Saúde & Sociedade*, 32(2). <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220263>
- Beidacki, R. S., Boeira, L. S., & Menin, V. P. (2024). *Cyber racismo: Respostas rápidas para governos. Evidências, desafios e caminhos possíveis*. Instituto Veredas. https://www.veredas.org/wordpress/wp-content/uploads/2024/07/OK-VOL-10_Veredas_Respostas-Rapidas_Final2.pdf
- Brooks, H. S., Dubowitz, T., Haas, A., Ghosh-Dastidar, B., DeSantis, A., & Troxel, W. M. (2020). The association between discrimination and PTSD in African Americans: Exploring the

- role of gender. *Ethnicity & Health*, 25(5), 717–731. <https://doi.org/10.1080/13557858.2018.1444150>
- Buckner, J. D., Glover, N. I., Shepherd, J. M., & Zvolensky, M. J. (2022). Racial discrimination and hazardous drinking among Black drinkers: The role of social anxiety in the minority stress model. *Substance Use & Misuse*, 57(2), 256–262. <https://doi.org/10.1080/10826084.2021.2002903>
- Bynum, M. S., Burton, E. T., & Best, C. (2007). Racism experiences and psychological functioning in African American college freshmen: Is racial socialization a buffer? *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 13(1), 64–71.
- Calzada, E. J., Kim, Y., & O’Gara, J. L. (2019). Skin color as a predictor of mental health in young Latinx children. *Social Science & Medicine*, 238, Article 112467. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.112467>
- Câmara dos Deputados, Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher. (2022). *Relatório de atividades 2022*. https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cmulher/relatorios-de-atividades/Relatorio_web.pdf
- Camino, L., Silva, P., Machado, A., & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicosociológica. *Revista de Psicologia Política*, 1, 13–36.
- Cândido, L. M., Gonçalves, R. G., Oliveira, J. C. S., de Carvalho, L. G. M., & Nery, A. A. (2022). A diversidade étnico-racial na produção científica em enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 56, Artigo e20210820. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2021009303825>
- Carmo, C. M. (2016). Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: Uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 64, 201–223. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i64p201-223>
- Centro de Formação e Pesquisa AMMA – Pique e Negritude. (2022). *Guia de referências ao enfrentamento da violência e do racismo contra jovens negros*. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Enfrentamento_Violencia_Racismo_JovensNegros.pdf
- Centro de Valorização da Vida. (2018). *Parceria para reduzir índice de suicídio na população negra*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/setembro/parceria-para-reduzir-indice-de-suicidio-na-populacao-negra>
- Daniels, K. P., Thomas, M. D., Chae, D. H., & Allen, A. M. (2023). Preocupação de mães negras com seus filhos como uma medida de vigilância relacionada ao racismo vicário e carga alostática. *Journal of Health and Social Behavior*, 64(4), 520–536. <https://doi.org/10.1177/00221465231175942>
- Das, A., Singh, P., Kulkarni, A. K., & Bruckner, T. A. (2021). Emergency Department visits for depression following police killings of unarmed African Americans. *Social Science & Medicine*, 269, Article 113561. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.113561>
- Del Río-González, A. M., Mbaba, M., Johnson, C., Teti, M., Jenné, M., & Bowleg, L. (2022). Strengths despite stress: Social-structural stressors and psychosocial buffers of depressive symptoms among U.S. Black men. *American Journal of Orthopsychiatry*, 92. <https://doi.org/10.1037/ort0000595>
- Desalu, J. M., Goodhines, P. A., & Park, A. (2019). Racial discrimination and alcohol use and negative drinking consequences among Black Americans. *Addiction*, 114(6), 957–967. <https://doi.org/10.1111/add.14578>
- Domingues, P. (2005). O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889–1930). *História*, 24(2), 77–109.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Zahar.
- Faber, S. C., Roy, A. K., Michaels T. I., & Williams M. T. (2023). The weaponization of medicine: Early psychosis in the Black community and the need for racially informed mental healthcare. *Frontiers in Psychiatry*, 14, 1098292. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2023.1098292>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2021). *A violência contra pessoas negras no Brasil*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/11/infografico-violencia-desigualdade-racial-2021-v3.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *Anuário brasileiro de segurança pública 2023: Perfil das vítimas de violência letal*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>

- Galán, C. A., Meza, J. I., Ridenour, T. A., & Shaw, D. S. (2022). Racial discrimination experienced by Black parents: Enduring mental health consequences for adolescent youth. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 61(10), 1251–1261. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2022.04.015>
- Góis, J. B. H., & Souza, S. C. (2023). *Grupos minoritários: Histórias, lutas e políticas públicas*. MC&G.
- Gouveia, M., & Zanello, V. (2019). Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: Experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em Estudo*, 24. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42738>
- Groff, P. V., & Pagel, R. (2009). Multiculturalismo, democracia e reconhecimento. *Videre*, 2, 51–64.
- Guerra, N. E. M., Stofel, N. S., Borges, F. A., Luna, W. F., Salim, N. R., Sá, B. S. M., & Monteiro, J. (2024). Institutional racism at the university and consequences in the lives of Black students: A mixed study. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(3). <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.04232023>
- Guimarães, M. A. C., & Podkameni, A. B. (2012). Racismo: Um mal-estar psíquico. In L. E. Batista, J. Werneck, & F. Lopes (Orgs.), *Saúde da população negra* (2. ed., pp. 224–238). ABPN.
- Holloway, K., & Varner, F. (2023). Forms and frequency of vicarious racial discrimination and African American parents' health. *Social Science & Medicine*, 316, Article 114266. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114266>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Coordenação de Trabalho e Rendimento. (2019). *Pesquisa Nacional de Saúde 2019. Acidentes, violências, doenças transmissíveis, atividade sexual, características do trabalho e apoio social: Brasil*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101800.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil: Estudos e pesquisas*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf
- Joanna Briggs Institute. (2020). *JBI Manual for Evidence Synthesis*. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-01>
- Keum, B. T., & Choi, A. Y. (2022). COVID-19 Racism, depressive symptoms, drinking to cope motives, and alcohol use severity among Asian American emerging Adults. *Emerging Adulthood*, 10(6), 1591–1601. <https://doi.org/10.1177/21676968221117421>
- Knighton, J. S., Dogan, J., Hargons, C., & Stevens-Watkins, D. (2022). Superwoman schema: A context for understanding psychological distress among middle-class African American women who perceive racial microaggressions. *Ethnicity & Health*, 27(4), 946–962. <https://doi.org/10.1080/13557858.2020.1818695>
- Kyriopoulos, I., VANDOROS, S., & Kawachi, I. (2022). Police killings and suicide among Black Americans. *Social Science & Medicine*, 305, Article 114964. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.114964>
- Lins, S. L. B., Lima-Nunes, A., & Camino, L. (2014). O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro. *Psicologia & Sociedade*, 26, 95–105.
- Loyd, A. B., Hotton, A. L., Walden, A. L., Kendall, A. D., Emerson, E., & Donenberg, G. R. (2019). Associations of ethnic/racial discrimination with internalizing symptoms and externalizing behaviors among juvenile justice-involved youth of color. *Journal of Adolescence*, 75, 138–150. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.07.012>
- Martins, T. V., Lima, T. J. S., & Santos, W. S. (2020). O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(7), 2793–2802. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>
- Mekawi, Y., Carter, S., Packard, G., Wallace, S., Michopoulos, V., & Powers, A. (2022). When (passive) acceptance hurts: Race-based coping moderates the association between racial discrimination and mental health outcomes among Black Americans. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 14(1), 38–46. <https://doi.org/10.1037/tra0001077>
- Moody, M. D., Tobin, C. S. T., & Erving, C. L. (2022). Vicarious experiences of major discrimination and psychological distress among Black men and women. *Society and Mental Health*, 12(3), 175–194. <https://doi.org/10.1177/21568693221116631>
- Moreira-Primo, U. S., & França, D. X. de. (2020). Experiências de racismo em crianças: O

- que acontece no cotidiano escolar? *Revista Uniabeu*, 13(33, especial), 24–44. <https://doi.org/10.46375/uniabeu.v13n33.3980>
- Myers, K. R., Tham, W. Y., Yin, Y., Cohodes, N., Thursby, J. G., Thursby, M. C., Schiffer, P., Walsh, J. T., Lakhani, K. R., & Wang, D. (2020). Unequal effects of the COVID-19 pandemic on scientists. *Nature Human Behaviour*, 4, 880–883. <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0921-y>
- Nascimento, A. R., & Alves, F. B. (2020). Vulnerabilidade de grupos minoritários entre cenários de crise e proteção de direitos. *Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas*, 36(2), 363–388.
- Organização Mundial de Saúde. (2004). *Promoção da saúde mental: Conceitos, evidências emergentes, prática: Relatório resumido*.
- Organização Mundial de Saúde. (2022). *Determinantes da saúde mental*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>
- Pieterse, A. L., Todd, N. R., Neville, H. A., & Carter, R. T. (2012). Perceived racism and mental health among Black American adults: A meta-analytic review. *Journal of Counseling Psychology*, 59, 1–9.
- Plácido, J., Marinho, V., & Ferreira, J. V. (2023). Association among race/color, gender, and intrinsic capacity: Results from the ELSI-Brazil study. *Revista de Saúde Pública*. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004548>
- Polanco-Roman, L., Anglin, D. M., Miranda, R., & Jeglic, E. L. (2019). Racial/ethnic discrimination and suicidal ideation in emerging adults: The role of traumatic stress and depressive symptoms varies by gender not race/ethnicity. *Journal of Youth and Adolescence*, 48(10), 2023–2037. <https://doi.org/10.1007/s10964-019-01097-w>
- Quist, A. J. L., Han, X., Baird, D.D., Wise, L.A., Wegienka, G., Woods-Giscombe, C. L., & Vines, A. I. (2022). Life course racism and depressive symptoms among young Black women. *Journal of Urban Health*, 99(1), 55–66. <https://doi.org/10.1007/s11524-021-00574-7>
- Rayyan. (n.d.). *Rayyan: Intelligent systematic review platform*. <https://www.rayyan.ai>
- Salami, B., Idi, Y., Anyieth, Y., Cyuzuzo, L., Denga, B., Alaazi, D., & Okeke-Ihejirika, P. (2022). Factors that contribute to the mental health of Black youth. *CMAJ*, 194(41), E1404–E1410. <https://doi.org/10.1503/cmaj.212142>
- Santilli, J. (2008). As minorias étnicas e nacionais e os sistemas regionais (europeu e interamericano) de proteção dos direitos humanos. *Revista Internacional de Direito e Cidadania*, (1), 137–151.
- Santos, V. C., & Dias, A. B. (2022). Os efeitos do racismo na saúde mental das militantes negras do MMNDS. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, Artigo e235483, 1–19. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235483>
- Santos, W. S., Gouveia, V. V., Navas, M. S., Pimentel, C. E., & Gusmão, E. E. (2006). Escala de racismo moderno: Adaptação ao contexto brasileiro. *Psicologia em Estudo*, 3, 637–645.
- Shi, L., Zhang, D., Martin, E., Chen, Z., Li, H., Han, X., Wen, M., Chen, L., Li, Y., Li, J., Chen, B., Ramos, A. K., King, K. M., Michaud, T., & Su, D. (2022). Racial discrimination, mental health and behavioral health during the COVID-19 pandemic: A National Survey in the United States. *Journal of General Internal Medicine*, 37(10), 2496–2504. <https://doi.org/10.1007/s11606-022-07540-2>
- Sibrava, N. J., Bjornsson, A. S., Pérez Benítez, A.C. I., Moitra, E., Weisberg, R. B., & Keller, M. B. (2019). Posttraumatic stress disorder in African American and Latinx adults: Clinical course and the role of racial and ethnic discrimination. *American Psychologist*, 74(1), 101–116. <https://doi.org/10.1037/amp0000339>
- Silva, M., Loureiro, A., & Cardoso, G. (2016). Determinantes sociais da saúde mental: Uma revisão das evidências. *European Journal of Psychiatry*, 30, 259–292.
- Skewes, M. C., & Blume, A. W. (2019). Understanding the link between racial trauma and substance use among American Indians. *American Psychologist*, 74(1), 88–100. <https://doi.org/10.1037/amp0000331>
- Sosoo, E. E., Bernard, D. L., & Neblett, E. W. (2020). The influence of internalized racism on the relationship between discrimination and anxiety. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*, 26(4), 570–580. <https://doi.org/10.1037/cdp0000320>
- Souza, K. N., Silva, A. V., & Ferreira, R. (2023). “Pra nós que somos negras, tudo é mais difícil”. Cartografia de uma mulher negra em sofrimento psíquico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 33. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333070>

- Supremo Tribunal Federal. (2025). *Composição atual dos ministros*. <https://portal.stf.jus.br/textos/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaPastaMinistro&pagina=ComposicaoAtual>
- Tao, X., & Fisher, C. B. (2022). Exposure to social media racial discrimination and mental health among adolescents of color. *Journal of Youth and Adolescence*, 51(1), 30–44. <https://doi.org/10.1007/s10964-021-01514-z>
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., ... Straus, S. E. (2020). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>
- Tynes, B. M., Willis, H. A., Stewart, A. M., & Hamilton, M. W. (2019). Race-related traumatic events online and mental health among adolescents of color. *Journal of Adolescent Health*, 65(3), 371–377. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.03.006>
- Wallace, S., Nazroo, J., & Bécares, L. (2016). Cumulative effect of racial discrimination on the mental health of ethnic minorities in the United Kingdom. *American Journal of Public Health*, 106, 1294–1300.
- Williams, M. T. (2021). Racial microaggressions: Critical questions, state of the science, and new directions. *Perspectives on Psychological Science*, 16(5), 880–885. <https://doi.org/10.1177/17456916211039209>
- Woods-Giscombé, C. L., Allen, A. M., Black, A. R., Steed, T. C., Li, Y., & Lackey, C. (2019). Questionário do esquema da supermulher de Giscombé: Propriedades psicométricas e associações com saúde mental e comportamentos de saúde em mulheres afro-americanas. *Issues in Mental Health Nursing*, 40(8), 672–681. <https://doi.org/10.1080/01612840.2019.1584654>
- Zapolski, T. C. B., Beutlich, M. R., Fisher, S., & Barnes-Najor, J. (2019). Collective ethnic-racial identity and health outcomes among African American youth: Examination of promotive and protective effects. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*, 25(3), 388–396. <https://doi.org/10.1037/cdp0000258>
- Zhou, X., Nguyen-Feng, V. N., Wamser-Nanney, R., & Lotzin, A. (2022). Racismo, sintomas de estresse pós-traumático e disparidade racial na síndrome da COVID-19 nos EUA. *Behavioral Medicine*, 48(2), 85–94. <https://doi.org/10.1080/08964289.2021.2006131>

Editor Associado: Alessandro Teixeira Rezende

Recebido: 23/07/2025

1ª revisão: 21/11/2025

Aceite final: 25/11/2025

Apêndice

Referências para Orientar os Leitores no Aprofundamento do Tema

- Camino, L. (2004). A psicologia e a luta contra o racismo: Temos de que nos orgulhar? In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Psicologia e direitos humanos: Subjetividade e exclusão* (pp. 231–242).
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. Blucher Open Access. <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9786555500127/completo.pdf>
- Ribeiro, D. (2019). *Pequeno manual antirracista*. Companhia das Letras.



O(s) autor(es), 2026. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.